

1 OUT 1989

# Mercado apostava no choque após eleição

**Ademar Shiraishi**

A idéia de novo choque econômico depois das eleições presidenciais ocupa espaço crescente no mercado financeiro, apesar dos rotineiros desmentidos oficiais. Economistas das diversas tendências não acreditam que, sozinho, o Banco Central consiga evitar a hiperinflação, com a prática de juros cada vez mais elevados no "overnight", é a incapacidade de rolar a dívida pública interna, tornando inevitável o novo choque.

Há muitos consensos na economia. A hiperinflação ocorre com a perda da confiança na moeda nacional, em consequência da corrida para os ativos reais, como ouro e dólar, ou para o consumo. Ninguém nega que esse processo já começou, a partir da certeza de que o aumento dos encargos financeiros do tesouro encurta o caminho para o calote da dívida interna, no máximo, em seis meses, quando assumirá o sucessor do presidente José Sarney.

No leilão semanal da última terça-feira para rolar NCz\$ 4 bilhões de Letras Financeiras do Tesouro (LFTs), o Banco Central precisou assumir compromisso de recompra em uma semana para que o mercado absorvesse os novos papéis. Sinal de que o temor de calote também ampliou para o curto prazo. A exemplo do que já fazem os bancos estrangeiros há muito tempo, os grandes bancos nacionais também deixaram de utilizar recursos próprios para a compra de títulos públicos e passaram a optar por ativos reais, inclusive participações societárias em empresas do setor produtivo.

## Boatos

O Banco Central favoreceu a diversificação dos ativos dos bancos, ao promover, nas últimas semanas, vendas maciças de ouro para conter a cotação dólar no paralelo. Agora, diante dos limites estreitos do paralelo. Os próprios bancos têm interesse em fomentar boatos para, de um lado, obrigar o Banco Central a abrir as taxas do "overnight" e ganhar com as aplicações de terceiros e, de outro, ainda valorizam os seus ativos em ouro, com a alta do paralelo.

A alta contínua das taxas do "overnight" também contribui para a aceleração do processo inflacionário. A cotação do dólar no paralelo, os aumentos reais dos preços e tarifas — mesmo que ainda para recompor a defasagem acumulada no plano verão, a inflação futura, a taxa bruta do "overnight" e até a expectativa particular constituem indexadores para a elevação de preços do mercado.

Em meio a tantas incertezas, os boatos de novo choque antecipam a remarciação, em meio ao temor de que venha mesmo o congelamento ou o maior rigor no controle de preços. O medo de outro calote nas



Sarney pode ser levado a adotar um novo choque na economia

aplicações financeiras em geral ajuda a ampliar o consumo e acelerar as altas de preços, na espiral crescente de desorganização da economia.

Se for para conviver com os efeitos muito mais perniciosos dos boatos, melhor que saia mesmo o choque. A combinação até irracional de juros altos, desconfiança generalizada e aquecimento da atividade produtiva mostra que a economia brasileira tem muito espaço para surpresas e o Governo pode ter sucesso com o novo choque ou pelo menos controlar as incertezas.

Mesmo sem o pacto formal, para evitar o risco de inflação mensal inimaginável de mais de 200%, o Governo pode encontrar margem para uma trégua com empresários e trabalhadores, a exemplo do que se propõe a obter com os credores externos. Nesse raciocínio, ressurge a idéia do redutor de preços de paternidade do ex-ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen.

Desde que haja respaldo político, o Governo não encontraria resistência dos trabalhadores. O real ajuste mensal dos salários vinculado à inflação tem atenuado as insatisfações da classe trabalhadora, mesmo com a corrosão inflacionária ao longo do mês e até o dia 10 do mês seguinte. Apesar dos eventuais interesses eleitorais, os trabalhadores rejeitam a deflagração de greves, no clima atual de quase pleno emprego.

## Custos

Desde que haja ação coordenada de suas lideranças, os empresários podem absorver alguma espécie de redutor de preços, desde que tenham algum sinalizador de que o mesmo ocorrerá com os seus custos. A corrida desorganizada de remarciação, nos ditames da Lei de

Gerson, só produz a certeza do avanço em direção à hiperinflação, com a destruição de todos os ativos da economia, inclusive o patrimônio das empresas.

Com a contribuição dos agentes privados, o Governo ainda pode buscar fôlego-extra para cumprir a sua parte e evitar o descontrole total da economia, nestes longos seis meses de final de mandato do presidente José Sarney. Na semana passada, o Executivo divulgou mais um pacote fiscal para ampliar receitas do tesouro. Agora, precisa anunciar medidas incisivas para privatizar estatais, cortar despesas e reverter expectativas.

A aplicação do redutor daria folga nos encargos da dívida pública. Com a mudança psicológica do mercado, redutor razoável na correção monetária não traria ameaça de fuga de recursos do "overnight" para o consumo mais do que o real ou latente com o temor de calote interno, até porque o indexador negativo valeria para toda a economia. O dólar no paralelo poderia explodir. Mas os críticos da atual estratégia de não se fazer nada perguntam: E dai? No clima de arrumação global, o paralelo nada sinalizaria.

É claro que a nova mexida na economia não pode acontecer em meio à turbulência eleitoral. A trégua econômica só virá com a colaboração dos diversos agentes econômicos, o que não encontra clima propício dentro do tiroteio entre os diversos candidatos, representantes de classes e correntes políticas heterogêneas. Por isso, existe o consenso de que, por impulso ou por ato pensado, o presidente José Sarney só tomará decisões econômicas relevantes depois das eleições de novembro e/ou de dezembro.